



PRIMEIRAS PALAVRAS

Helena Frenzel



Primeiras Palavras

Primeiras Palavras

Helena Frenzel*

18 de Março de 2009

(Revisado em Março de 2010)

* Email: helenafrenzel@gmail.com

(c) 2009-2010 Helena Frenzel

Arte da capa:

Colagem “Comunicação e Arte”;

Tela “Original”

Para saber mais sobre meu trabalho visite:

<http://bluemaedel.blogspot.com>

<http://clubedalupa.blogspot.com> e

<http://recantodasletras.uol.com.br/autores/helenafrenzel>

Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#).* Você **pode** copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao autor original (você deve citar a autoria de Helena Frenzel). Você **não pode** fazer uso comercial desta obra. Você **não pode** criar obras derivadas.

* <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/>

*Para Ben,
que trilha comigo esse caminho de descobertas.
Amo-te.*

*Para R.J. e Isabel,
que me motivaram a ter coragem e romper a casca.
Com imenso carinho.*

“Meus verbos em aberto pra você me conjugar”
(Christian Oyens e Zélia Duncan, Verbos Sujeitos)

Índice

Primeiras Palavras.....	2
Homenagem.....	3
Muito Obrigada.....	4
Entrevista.....	7
Por que Escreves?	8
Artigos.....	10
Sinto e Penso, Logo Escrevo.....	11
Tenerife e Histórias de Mulheres.....	14
Sono Bom e Justo.....	19
Viva a Travessia.....	23
Pintando o Sete e a Vida	30
O Poder da Influência.....	36
Contos	40
Memórias de Maria Teresa – Num Carnaval.....	41
Memórias de Maria Teresa - Mudanças.....	44
Memórias de Maria Teresa - Um Colega	49
Firmino Pena.....	53
Poesia	63
Agonia e Força do Agora	64
Cheiros da Pobreza	68
A Equilibrista de Dores.....	72
Crônicas.....	75
Um Dia Cheio.....	76
O Desfile.....	81
Resenha	83
Vivendo em Flow.....	84
Palavras Finais.....	86

Primeiras Palavras

Para mim, este livro representa uma pintura, um retrato de meus primeiros anos, passos e palavras – conscientes - no mundo maravilhoso da Literatura. Trata-se de uma coletânea de textos publicados regularmente no Recanto das Letras, desde novembro de 2008. A idéia foi, primeiro, facilitar o acesso aos textos, reunindo-os num único volume e, segundo, fotografar esse momento, esse meu estado de espírito.

Como uma criança aprendendo a caminhar e falar, não houve de minha parte excessiva preocupação com revisões técnicas apuradas nestes textos. Até mesmo porque não creio que o próprio autor seja bom revisor de sua obra. Não. Prefiro deixar essa atividade com os leitores, a quem sou imensamente grata pelos comentários.

Também durante a organização deste livro, percebi e aprendi muitas coisas sobre mim mesma. É uma pena eu ter queimado meus diários da adolescência. Lá, sim, podia estar a chave que hoje busco para decifrar a mim mesma. Sim, mas o que passou, passou... Agora é tempo de escrever uma nova história, cunhar uma nova chave, dessa vez com a colaboração de mais pessoas. E isso partilho aqui. É isso que torna a vida mais saborosa e colorida.

Helena Frenzel.

Homenagem

Muito Obrigada

Muito Obrigada, Sílvia Araújo Motta!

Queridos recantistas, vejam só que coisa legal a Sílvia me escreveu. Fiquei sem palavras... Por isso decidi reproduzir as dela, do jeitinho que recebi! :-)

Texto nº 2272- HELENA FRENZEL RECANTISTA ...

Homenagem acróstica Por Sílvia Araújo Motta ...

H - Helena Frenzel, escritora Recantista

E - Escreveu: “Memórias de Maria Teresa”

L - Lembranças “Num Carnaval” e “Mudanças”

E - Excelente “Desfile” é homenagem da Cronista...

N - Na verdade, uma mensagem, com certeza:

A - Às “Mulheres” nas andanças dos cantores.

F - Frenzel, sua crônica “Um dia cheio”

R - Reflete o “porco-do-mato ou o cachorro”

E - Em nossa VIDAS...Causam-nos receios,

N - Nos passos do pedido de “Socorro”

Z - Zelosos AMIGOS podem nos ajudar

E - Em caso de “Stress” ou até de preguiça.

L - “Last Lecture” sugere o novo caminhar.

R - Reli seus “Artigos.” “Viva a Travessia”

E - É bom demais, “Sono bom e Justo”

C - Constatei: “Sinto e Penso, logo Escrevo.”

A - Achei ótimas: “Histórias de Mulheres”

N - Na criação do “Pintando o Sete e a Vida”

T - Teve um momento de conhecimento...

I - Intimidade no “Por que escreves”

S - Seus textos com autoestima e disciplina

T - Tantas lições mostram vida em “Flow”

A - A sua POESIA é social e tem esperança.

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, oito de março de 2009, Dia
internacional da Mulher. PARABÉNS! PARABÉNS! PARABÉNS!

---***---

Sílvia, muuuuuuuuuito obrigada! Aqui reproduzo o comentário que deixaste em um de meus textos, não para me exhibir ou destacar, mas para exaltar, exaltar esse teu maravilhoso talento e para mostrar (a quem por ventura ainda não saiba) que tu tens um lindo e grande coração. Muita Inspiração! Muita Força! Muita Luz!

Um super abraço! :-)

Publicado no Recanto das Letras em 13/03/2009

Código do texto: T1484142

Entrevista

Por que Escreves?

Isso perguntaram a uma jovem e inexperiente escritora. Eis o que ela respondeu:

"Escrevo para refletir e assim poder me comunicar. Escrever desacelera o meu pensamento e me acalma. Também me permite explorar outros caminhos, diminui meu medo de agir com impulsividade. Escrevo por compulsão!

Num de meus piores pesadelos recorrentes, agonizo porque tento me expressar e não consigo, em nenhuma das línguas que conheço. Pareço falar uma língua que ninguém mais entende. É desesperador! Nesses pesadelos, tento deixar meu próprio corpo, num esforço sobre-humano, pois parece que morrerei caso não consiga libertar-me. E eu sempre acordo antes de conseguir...

Assim como Clara em *A Casa dos Espíritos* (Isabel Allende), um dos meus romances preferidos, vivi por longo tempo como se fosse muda, sem ter vontade nem necessidade de falar. Num belo dia me peguei escrevendo para me reencontrar, ouvir meu coração. Então minha voz voltou e os pesadelos diminuíram.

Escrevo também para satisfazer uma pessoa extremamente tagarela que vive dentro de mim. Incrível, ela fala o tempo todo! É pior do que a menina do leite. E fala tão depressa que, mesmo me concentrando,

não consigo escrever tudo o que dita. Essa pessoa, que não tem sexo, nome, nem rosto, ora me assusta, ora me fascina... De qualquer modo, adoro ouvi-la.

Escrevo também para ter intimidade comigo mesma. Os momentos em que escrevo são só meus. Quando estamos sós, somente eu, o papel em branco, e a caneta, não tenho medo de revelar meus pensamentos, por mais estranhos e excêntricos que possam parecer. Saber jogar com as palavras é uma arte fascinante, da qual eu não me considero mestre. Uma coisa para mim é certa: sem exercícios e sem disciplina dificilmente se consegue alcançar um objetivo, e escrever só se aprende escrevendo, não tem outro jeito."

Publicado também no Recanto das Letras em 05/12/2008

Código do texto: T1320025

Artigos

Sinto e Penso, Logo Escrevo

Em Maio de 2008, li um livro - muito interessante, por sinal - intitulado LA MAGIA DE ESCRIBIR, de José Antonio Marina e María de La Válgoma. Lá, encontrei referências a experimentos lingüísticos curiosos, conduzidos pelo psicólogo James W. Pennebaker, os quais visavam compreender o impacto do ato de escrever na estabilidade física e emocional das pessoas. Tal fenômeno vem sendo estudado e referenciado na literatura sob o termo *Expressive Writing*. Os resultados apontaram que, para a maioria dos casos observados, o ato de escrever sobre os próprios sentimentos aparecia altamente relacionado a relatos de estabilidade emocional em relacionamentos.

Um outro estudo(1), realizado em 2006, já havia revelado indícios de que relacionamentos amorosos tendiam a ser mais estáveis quando os parceiros cultivavam o hábito de escrever (ou falar) sobre a relação ou sobre os próprios sentimentos. Isso também mostrou ser válido para outros tipos de relacionamentos, como interações com a família e os amigos.

As pesquisas sugerem que isso ocorra, muito provavelmente, porque o ato de escrever estimula a reflexão. A cumplicidade entre os atos de escrever e refletir, no texto de Marina e La Válgoma, também é observada em um comentário(2) sobre o livro, no qual o autor sugere

usar o título LA MANIA DE PENSAR ao invés de LA MAGIA DE ESCRIBIR.

Ao me deparar com o trabalho de Pennebaker, não pude deixar de considerar minhas próprias experiências, como corroboradoras de tais idéias. Sinto que antigas amizades se modificaram com o tempo e a distância, principalmente por uma indisposição que muitas pessoas demonstram em escrever. Parece mesmo que é certo o dito “Longe dos olhos, longe do coração”. Cartas sociais e emails longos parecem ser cada vez mais coisas do passado. No momento em que escrevo este texto, a moda é usar SMSs, ou programas de trocas de mensagens simultâneas do tipo Orkut, Messenger e ICQ.

Percebo que cresci muito e obtive benefícios de situações que exigiram um esforço mútuo das partes envolvidas para comunicar sentimentos, e da forma mais clara possível. Penso que evoluímos quando tentamos nos expressar de alguma maneira, principalmente através da escrita. Escrever sempre me ajudou a passar por períodos difíceis na vida.

Ganhei um diário de presente quando era pré-adolescente. Naquela época, limitava-me a relatar atividades e fatos do dia-a-dia. Algumas vezes, copiava versos de poetas conhecidos. Achava que escrever as próprias idéias era algo para poucos privilegiados. Era, também, tomada por um imenso receio de mostrar meus tolos escritos a quem quer que fosse. Se tinha uma coisa com a qual eu não sabia lidar era com possíveis críticas negativas. Além do mais, "O que eu escrevia

era só para mim, não devia interessar mesmo a mais ninguém.", pensava eu. Minhas colegas limitavam-se a anotar versos e ditos populares em seus cadernos. Não lembro de nenhuma delas escrevendo sobre o que sentiam, por exemplo, quando sofriam um fracasso ou rejeição.

Após a morte de uma pessoa muito querida, comecei a escrever muitos poemas e textos que iam brotando aleatoriamente em minha cabeça. Um dia, passada a tristeza inicial, surpreendi-me ao perceber que o que havia escrito não era tão bobo assim. Certa vez, devido a uma mudança de endereço, decidi queimar todos os meus diários para que não corresse o risco de que alguém mais tivesse acesso àquele *eu*, tão escancaradamente exposto em suas páginas. Hoje, arrependo-me de tê-lo feito. Agora tenho que confiar somente em minha memória (um tanto falha) para recordar as várias etapas do meu desenvolvimento emocional, no passado.

REFERÊNCIAS

(1) <http://homepage.psy.utexas.edu/HomePage/Faculty/Pennebaker/Reprints/IMpaper.pdf>

(2) <http://www.elmundo.es/papel/2007/04/06/ultima/2107466.html>

Publicado também no Recanto das Letras em 15/11/2008

Código do texto: T1285067

Tenerife e Histórias de Mulheres

Tenerife (1), parte do território espanhol, é a maior das ilhas do Arquipélago das Canárias. Além de belezas naturais de tirar o fôlego, e mais de 32 zonas climáticas diferentes, Tenerife possui também uma história muito interessante, a começar por sua formação geológica: o vulcanismo.

Das várias teorias, uma das mais divulgadas especula que, numa era geológica remota, existiu uma montanha primordial, um vulcão com mais de 6.000 m de altura acima do nível do mar. Uma de suas erupções fez com que o topo desabasse, escorrendo em direção ao mar e alargando a ilha. A parte que restou foi se transformando no que hoje é o vulcão *El Teide* (3.748 m), pico mais alto da Espanha.

Quando os primeiros conquistadores lá chegaram, encontraram os Guanches, povo bravo que resistiu durante um bom tempo à conquista (2). Hoje, quase não resta vestígios deste povo e sua cultura. Qualquer semelhança com a história de nossos ancestrais indígenas é mera coincidência, não?

A origem dos Guanches ainda permanece mistério. Há especulações de que eles descendam de povos muito antigos, habitantes do norte da

África. Descobertas recentes sobre estes antigos povos africanos indicam que suas mulheres tinham um papel cultural muito importante, a saber: a transmissão da linhagem familiar.

Como suas (possíveis) ancestrais africanas, as mulheres guanches escolhiam com quem casar-se. Portanto, para tornar-se rei, um homem teria que ser escolhido por uma mulher carregando a linhagem real. Fascinante pensar em como e quando houve a inversão de papéis que hoje vemos em muitas culturas, nas quais a mulher é vista como objeto, ser inferior.

A maioria da população de Tenerife é atualmente composta por imigrantes. Ingleses, alemães, espanhóis, sul-americanos - e brasileiros também, claro! Ouvi falar de um "Carnaval", exportado do Brasil para lá, mas quanto a esta festa nada posso falar, pois nunca vi. Porém, dizem que é coisa muito bonita, maravilhosa... Sei lá, tenho a impressão que deva ser mais uma dessas coisas "só pra turista ver".

Fora a história, e o povo diversificado e acolhedor, há muito mais coisas interessantes em Tenerife. Para vivenciar esta Ilha plenamente, conhecendo um pouco da língua e da cultura local, recomendo afastar-se das rotas turísticas. Ler jornais e assistir noticiários locais são boas dicas, bem como tomar o ônibus e caminhar, não se descuidando da segurança, claro, pois criminalidade é problema mundial.

Mesmo com a globalização, incrível como tudo é diferente. Os programas de rádio e TV, os comerciais, os anúncios na rua, a comida,

o ritmo de vida do povo, tudo! Um exemplo disso observei nas campanhas publicitárias das Lojas Saturn. Na Alemanha seria "Um lugar para se comprar barato"; Na Espanha é "O nome da tentação".

Outra coisa que me chamou a atenção foi a ausência, nos pontos turísticos, de livrarias oferecendo literatura em espanhol. Livros em inglês e alemão – a maioria ficção – desses vi muitos. Para quem busca literatura típica, uma boa idéia é incluir a cidade universitária La Laguna no roteiro.

Para mim, comprar um livro em uma livraria real é uma experiência totalmente diferente da compra pela Internet. Gosto de ficar andando entre as prateleiras, pegando livros ao acaso e buscando informações que me permitam decidir rapidamente se vale a pena lê-los ou não. Eu nem sinto o tempo passar. Em uma boa livraria sou como uma criança pobre em uma loja de brinquedos... Ah se eu tivesse dinheiro suficiente para comprar todos os livros que quisesse... O que segue é sempre uma difícil escolha: quais livros, dentre tantos desejados e que cabem no orçamento, devo então levar para casa?

Um dos felizardos foi o HISTORIAS DE MUJERES de Rosa Montero (3). Trata-se de uma coletânea de pequenas biografias de mulheres que Montero publicou em uma coluna no jornal EL PAIS. A leitura foi tão envolvente que devorei o livro em poucas horas, além do mais eu estava em férias... merecidíssimas por sinal!

Algumas das histórias de Montero me lembraram o quão difícil e maravilhoso é ser mulher. Uma história que me chamou muito a atenção foi a de Mary Wollstonecraft, mãe da escritora Mary Shelley, a autora de FRANKENSTEIN – livro que, coincidentemente, lera dias antes. A vida é cheia de coincidências, não? Há quem diga que não existem coincidências, que tudo é questão de atração etc. Bom, mas esse é um outro balaio de gatos que não cabe aqui. Voltando a Mary: vida sofrida e incompreendida a dessa mulher, nossa! Eu não sabia que ela havia contribuído tanto para o desenvolvimento das idéias feministas, mesmo que indiretamente (5).

Saboreei por um bom tempo as histórias do livro de Montero. Elas mostram que, como Wollstonecraft, há muitas outras mulheres que, independente de terem sido boas ou más, foram sendo caladas, difamadas e, no final, punidas com o castigo cruel do esquecimento, como nossa valente Chiquinha Gonzaga (4).

Parafraseando Montero: Mulheres, famosas ou não, necessitam ser ouvidas. É justamente nas entrelinhas de suas histórias, pouco valorizadas, que se escondem muitas chaves para clarear aspectos ainda nebulosos da história da humanidade.

Pois é, homens e mulheres, não devemos ter medo nem vergonha de contar nossas histórias, ainda mais neste mundo dominado pelo individualismo. Há, sim, muita gente esperando por uma história que lhes dê uma direção, um alento, ou que lhes sirva de inspiração para uma mudança qualquer.

REFERÊNCIAS

- (1) Teneriffa. Baedeker Allianz Reiseführer. www.baedeker.de
- (2) Los Aborígenes y La Prehistoria de Canarias. Alfredo Mederos Martín y Gabriel Escribano Cobo. Centro de La Cultura Popular Canária, 2002.
- (3) História de Mujeres. Rosa Montero. Punto de Lectura, 2003.
- (4) Chiquinha Gonzaga: uma história de vida. Edinha Diniz . Ed. Rosa dos Tempos, 1999. www.chiquinhagonzaga.com/
- (5) A Vindication of the Rights of Woman.
http://en.wikipedia.org/wiki/A_Vindication_of_the_Rights_of_Woman

NOTA

Referências foram dadas como ponto de partida àqueles que desejarem mais informações. Não me responsabilizo pelo conteúdo dos links apontados.

Publicado também no Recanto das Letras em 18/12/2008

Código do texto: T1342061

Sono Bom e Justo

Taí, uma das melhores coisas da vida é dormir, e dormir bem. Para concordar comigo neste ponto não precisa ter carteirinha do clube dorminhocos-de-plantão ou ser membro da associação dos insones-anônimos. Dormir é necessidade fisiológica e ponto. Tanto que um dos mais conhecidos métodos de tortura, se não me engano, é justamente aquele em que deixam a pessoa acordada por "horas e horas e horas" (1). A vítima nem bem vai fechando os olhos, "quase sem querer" (2), e logo vem "Acordado aí, mané!" E dá-lhe ponta de cigarro no couro, "Ai meu couro, meu courinho", como diria o Chicó (3), de Ariano Suassuna. Certamente deve existir situação pior do que esta, o que não torna tal prática menos cruel.

Uma amiga muito querida contou-me feliz que adora a experiência da maternidade, fora o incômodo de não poder dormir mais como antes. Ela fica possessa quando tem que acordar no meio da noite ou cedo num domingo de manhã, ainda que o filho esteja pedindo com aqueles olhinhos lindos, com aquele jeitinho de quem consegue tudo o que quer: "Mãe, dá meu leitinho..." Ela levanta e vai, mas sem deixar de lamentar internamente aquelas horinhas de sono perdidas, justo aquelas que parecem ser as mais gostosas... É que tudo na vida tem vantagens e desvantagens.

Dormir bem é essencial para a saúde do corpo e da mente. Isso ninguém discute. Muitas coisas acontecem conosco durante o sono, em especial no cérebro. Dormir bem, dizem, é vital para nossa memória e equilíbrio emocional. Foi isso o que andei lendo no jornal local dia desses, bocejando durante o café da manhã depois de uma noite só metade dormida. A matéria até que trazia bons conselhos para quem sofre de distúrbios do sono, alguns dos quais tento lembrar afastando os carneiros que insistem em pular por sobre minha cama uma ou outra noite. Ai que inveja do meu gato! O bichano dorme o dia todinho e tão profundo que até ronca, pode?! Vai ter sono assim lá na casa do Seu Carvalho!

Bom, voltando ao artigo com os conselhos práticos: ao se passar uma noite mal dormida é um erro tentar recuperar o sono perdido ficando na cama até mais tarde na manhã seguinte. O melhor mesmo é levantar cedo e levar a rotina normalmente, se possível realizando atividades físicas durante o dia para cansar bastante o corpo, aumentando assim as chances de se ter um sono de melhor qualidade na próxima noite.

Isso aí até que funciona comigo, exceto nos dias em que a atividade física se resume a passar o dia inteiro com a cara enfiada no computador movendo, no máximo, os dedos e a cabeça. Não é fácil convencer a mente de que o corpo está cansado o suficiente após um dia assim, de malhação intensa no teclado. Remédio pra isso? Aí não

tem jeito! Só se for mesmo desligando o computador e procurando acordar para a vida. Difícil? Ouvi falar de gente que consegue...

Especialistas apontam que vários distúrbios do sono podem ser corrigidos com a adoção de hábitos simples: ter horários fixos para deitar e levantar e nada de TV ou computador no quarto, bem como leituras excitantes antes de dormir. Quanto a esses quesitos só não abro mão das leituras na cama. Adoro o aconchego da cama para ler e dificilmente leio coisas que não sejam interessantes, que não me eletrizem de alguma forma. Aí é que eu me lasco!

Ter um ambiente aconchegante no quarto de dormir também é fundamental: roupa de cama limpinha e cheirosa, quarto arejado, temperatura e umidade em ordem. Tem gente que até gosta de colocar uma cachoeirinha perto da cama para relaxar com o barulhinho da água correndo. Para um amigo meu, que já sofreu muito com insônia, o som da água correndo funciona que é uma beleza.

E pra terminar essa aqui, que é dez! Mantenha o despertador fora de alcance da vista, embaixo da cama, por exemplo. Para mim essa foi a dica mais útil. Acabou com minha agonia de ficar olhando para o relógio a toda hora, sabendo quando teria que estar de pé e ficar me cobrando a quantidade de horas não dormidas ou por dormir. Ah não... Isso ninguém merece! Vá lá, umas noites sem dormir de vez em quando até podem ser produtivas, mas sempre?! Aí vira doença.

Querer dormir e não poder, ou não conseguir, é uma das piores coisas. Foi por isso que achei válido transformar a minha falta de sono em algo produtivo e compartilhar essas idéias com você que me lê. Mas agora tá chegando - huaaaaahhh! - a hora de ir pra caminha. E não é mesmo que funciona! Escrever um pouco antes de dormir também pode entrar para a lista das dicas de ouro. Vai ver que o importante é ter um ritual. Huaaaaahhhh... um sono bom e justo pra você também.

Fui!

REFERÊNCIAS

- (1) Trecho da canção Eu Sei, Renato Russo.
- (2) Trecho da canção Quase Sem Querer, de Dado Villa-Lobos, Renato Russo e Renato Rocha.
- (3) Personagem "mais valente que cobra de resguardo" de O Auto da Compadecida.

Publicado também no Recanto das Letras em 24/02/2009

Código do texto: T1455405

Viva a Travessia

Algo que me perseguia, já há mais de uma década, foi o quê me inspirou a escrever este texto. Depois de todo este tempo, foi necessário que eu abrisse uma revista, ao acaso, num dia de total descontração, e desse de cara com um artigo (1) – muito bem escrito, por sinal -, cujo teor ficaria martelando em meu subconsciente por vários dias, até que eu criasse coragem para escrever a respeito.

O artigo tratava da superação de momentos difíceis, geralmente causados por grandes e inesperadas mudanças. Alguns psicólogos (citados no artigo original) sustentam que nós, seres humanos, estamos programados para lidar com transições, por causa da evolução. Sim, mas somente com aquelas ditas esperadas, e consideradas normais, a saber: da infância para a adolescência, da vida adulta para a terceira idade, mudanças comuns de emprego, endereço...

Também com aquelas que encerram em si uma não-realização – algo que esperávamos que acontecesse, mas que, por alguma razão, não acontece! - a saber: o tempo passa e não casamos, não temos filhos, não nos formamos, não concluímos um doutorado, não construímos uma carreira, uma casa, não temos netos, não ficamos ricos e assim por diante.

Porém, atônitos mesmo, sem-chão, sentimo-nos quando sofremos mudanças inesperadas, como a morte de uma pessoa muito querida, o fim de um relacionamento, de uma carreira, a perda daquele emprego, a casa que a enchente levou, o apartamento que, fruto das economias de toda uma vida, num prédio chique – porém construído com areia da praia! - que desabou enterrando sonhos, bens materiais e membros da família. E por aí vai...

Lidar com mudanças inesperadas é sobre o quê gostaria de compartilhar um pouco aqui. Para tais situações, assim como para a educação de filhos, parece mesmo não haver receitas, nem fórmulas. Cada um tem que encontrar seu próprio caminho. Desanimador? Nem tanto, desde que possamos nos apoiar na experiência alheia. Assim como a História, problemas seguem padrões, que se repetem - e com muita frequência, aliás! - A vida me ensinou que, diferente do que pensamos, quando no olho-do-furacão, não somos os primeiros - nem seremos os últimos! - a passar por uma situação quase enlouquecedora.

Quando uma mudança inesperada acontece em nossas vidas, encontramos-nos bem no meio de duas estações bem distintas: o ANTES e o DEPOIS do ocorrido. Ursula Nuber, autora do artigo que me levou à presente reflexão, aponta que a forma mais saudável de se passar do ANTES, para o DEPOIS, parece ser, justamente, vivenciar a travessia, por mais turbulenta que ela seja! Aqueles que sucumbem à tentação de desviar o caos, as dores, e o desconforto causados por

perdas, fracassos e frustrações, correm o risco de ficar presos num ciclo, jamais alcançando, com segurança, a outra margem, aquilo que com certeza virá depois do DEPOIS.

Instintivamente, o que se tende a fazer é engolir o choro, e tentar passar o mais rápido possível de uma estação à outra, voltando o quanto antes à realidade. Contudo, tentar ignorar a agonia da travessia seria um erro gravíssimo. William Bridges (2), citado por Nuber, denomina esta fase caótica de ZONA NEUTRA, um ponto entre o 'nunca mais' e o 'ainda não'.

Nesses momentos, o que devemos fazer é dar tempo a nós mesmos, tempo ao tempo, mesmo que o pensamento do dia seja: "Não importa em quantos pedaços teu coração foi partido, o mundo não pára para que o consertes." (3) - "Bobagem! Toma o tempo que necessitares. É para teu próprio bem. Quando deixares de existir, o mundo continuará seu curso normal, sem tí. Por que então não dar-te o direito de recolher-te, tomando o tempo de que necessitares? Toma tempo para despedir-te do mundo que conhecias até então e preparar-te para o NOVO 'Porque o novo sempre vem!' (4)".

E eu reformularia "A vida continua; olha pra frente!" para: "A vida continua; toma tempo para respirar e então volta a olhar pra frente!" e "Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima!" (5) para: "Levanta, sacode a poeira, toma tempo para respirar e então darás a volta por cima!". "Se tempo é uma questão de prioridades, prioriza então o tempo que necessitas para poderes juntar os caquinhos."

Claro que estar na tal zona neutra é extremamente ruim. É um momento em que nos encontramos vulneráveis, nus, fracos, duvidamos de nós mesmos e de nossa capacidade de superação, temos medo de tudo, até do próprio medo (6). E quem gostaria de estar numa situação dessas, sujeito a perdas de identidade, direção, fugas da realidade? Certamente, ninguém... Porém, somente quem encarar o processo, como um todo, poderá se beneficiar, no final, da metamorfose. É a velha história do casulo e da borboleta.

Como já disse, não há fórmulas nem receitas, cada um faz seu próprio caminho. Porém, padrões de comportamento têm sido identificados. Aqui, uma exposição em fases, mistura de informações do artigo com minhas próprias conclusões e experiência:

CHOQUE

Ocorre de forma abrupta, radical - "Meu mundo caiu!" (7) – e segue uma rápida, superficial constatação da realidade: "O mundo que eu conhecia, não existe mais... A casa ruiu, as coisas mudaram...", "Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia..."(8) - e às vezes é até melhor que não sejam mais mesmo...

DESLIGAMENTO

- Período de luto, retiro, silêncio quase que absoluto, confusão, revolta: "A dor é minha, a dor" (9), "Foda-se o mundo!", "Odeio tudo e todos!";

- Perda de identidade e direção, questionamento de papéis: "Não sou mais mãe, esposa, gerente de marketing, advogada bem sucedida...", "Quem sou eu afinal e o que eu quero da vida daqui pra frente?";

- Alucinações, perda do sentido da realidade: "Minha filha vai voltar para casa a qualquer momento e quando ela voltar seu quarto vai estar lá, do jeitinho que ela deixou!".

Os psicólogos (citados no artigo) destacam, nesta fase, a importância de se acreditar que tal sofrimento tem uma razão, um sentido no final, e que isso, um dia, vai passar. Essa crença, independente de religião, seria algo fundamental para o surgimento de uma nova identidade, para a consolidação de papéis e conscientização da nova realidade. Povos primitivos, como certos grupos indígenas norte-americanos, simbolizavam esta fase, em seus rituais, com a idéia de uma serpente mudando a pele. É exatamente o que acontece, pois é quando estamos nus, vulneráveis, trocando a pele antiga por uma outra, totalmente nova.

CONSCIENTIZAÇÃO

- Confrontação e aceitação da nova realidade. Nessa fase, já se consegue encarar a verdade e raciocinar com clareza. Se essa fase não acontecer, há o risco da pessoa ficar presa no ciclo, indefinidamente, sem conseguir jamais dar a volta por cima.

Há ainda casos em que mudanças inesperadas ocorrem em cascata, ou seja, nem bem temos tempo para aceitar uma tragédia, uma perda, e lá acontece outra, e mais outra, e mais outra... Na confusão da vida moderna, e até mesmo como mecanismo de defesa, creio, corremos o risco de não quisermos nunca parar para acertar o passo, até que um dia nosso corpo tome tal decisão por nós. Aí vamos parar numa UTI da vida, e se de lá conseguimos sair, e ainda assim continuamos fugindo das confrontações, e o ciclo de renovação, este jamais se completa.

Houve momentos em que pensei estar à beira da loucura e, por instinto de sobrevivência, talvez, não fugi às confrontações. Penso que ainda tenha que inventar palavras para expressar o imenso alívio, ao sentir que havia, finalmente, saldado as zonas neutras ignoradas ao longo de mais de 30 anos de vida. "Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe..." (10) e com uma vontade enorme de compartilhar essa paz. Mais de 10 anos... esse foi o tempo que o Tempo achou que eu precisava para me curar. Outras zonas neutras virão – certamente! - , mas espero que não me peguem mais tão desprevenida, com as calças na mão, como da primeira vez, há mais de 10 anos...

REFERÊNCIAS

- (1) Ursula Nuber, Übergänge: Wenn die Zeit stillsthet. Revista Psychologie Heute. Ano 35, Nr. 12, Dezembro de 2008. www.psychologie-heute.de
- (2) William Bridges: Transitions. Making sense of life's changes. Da Capo Press, Cambridge 2004.

- (3) Citação atribuída a William Shakespeare. Não posso garantir!
- (4) Trecho da canção Como nossos pais, autoria de Belchior (www.mpbnet.com.br)
- (5) Trecho da canção Volta por cima, autoria de Paulo Vanzolini (www.mpbnet.com.br)
- (6) Dê uma olhada na letra na canção Miedo, de Pedro Guerra, Lenine e Robney Assis – "O medo é uma força que não me deixa andar"
- (7) Trecho da canção Meu mundo caiu, de Maysa (www.mpbnet.com.br)
- (8) Trecho da canção Como uma onda, autoria de Lulu Santos (www.mpbnet.com.br).
- (9) Trecho da canção De mais ninguém, autoria de Marisa Monte e Arnaldo Antunes.
- (10) Trecho da canção Tocando em Frente, Almir Sater e Renato Teixeira.

NOTA

Escrevi este texto, sobretudo, com a finalidade de compartilhar uma experiência pessoal. Jamais pretendi que fosse uma análise ou ensaio em Psicologia, até mesmo porque não sou psicóloga. Penso que a maioria das pessoas não gosta de falar sobre problemas e que, de uma certa forma, somos incentivados a guardar tudo para nós mesmos, mascarando a dor e levando o show adiante, como se tudo estivesse bem. E é por isso que adoecemos! É exatamente desse padrão que quero fugir. Se as informações neste texto puderem levar a alguém que sofre um pouco de paz, luz e clareza, meu objetivo terá sido alcançado. Um abraço fraterno. :-)

Publicado também no Recanto das Letras em 28/02/2009
Código do texto: T1461591

Pintando o Sete e a Vida

Lembro-me claramente do dia em que, fazendo supermercado, joguei no carrinho um estojinho de pintura, desses escolares, simples. Continha uns poucos pincéis e uma paleta de tinta gauche. Engraçado, porque eu nem mesmo tinha o hábito de pintar... Ah! caí na velha armadilha de comprar algo desnecessário, só porque “estava super barato, uma pechincha!”... O estojo? Esse terminou engavetado, esquecido por muito tempo.

Preocupa-me muito a maneira com que nós, habitantes deste agonizante planeta, lidamos com o lixo. Todo mês, meu marido recebia umas revistas. Elas traziam na embalagem uma folha extra de papel A4, de boa qualidade, ora branca, ora amarela. Com pena de jogar as folhas no lixo - pensava na chacina das árvores – guardava-as, para um dia reaproveitar.

Dizem que, na vida, há um tempo certo para tudo. E isso tem se revelado, para mim, a coisa mais certa. Eu, que nunca tivera tempo para nada, um dia vi-me com todo o tempo do mundo... Meu corpo, depois de muito me enviar sinais, entrara em greve geral e recusava-se, terminantemente, a voltar ao trabalho. Bom, aí olhei para aquela pilha de papéis, e ela olhou pra mim... olhei, de novo, para ela... e ela, faceira, olhou... e até sorriu para mim! Como no cérebro uma coisa

puxa outra, lembrei do estojinho... Assim começou minha aventura no universo da Pintura. No início, eu só queria me distrair, mas com o tempo, aquele hobby foi se tornando uma forma de expressão, auto-conhecimento e reciclagem de materiais.

Nesse meio-tempo – dizem por aí que nada é por acaso! - tomei conhecimento de casos de pessoas comuns que depois de um acidente, trauma ou distúrbio neural passaram a ter um comportamento artístico (1) (2). Um documentário na TV exibiu dois casos que me chamaram a atenção. Um homem que começou a pintar e esculpir feito louco, - à la Picasso - logo depois de ter sofrido um acidente vascular cerebral. Ele dizia ter terríveis enxaquecas. O mais estranho é que, antes, jamais manifestara gosto ou inclinação para as artes. O outro caso foi o de uma neurologista americana – pena eu não ter anotado nomes, canal, nada! - que depois de sofrer uma cirurgia cerebral, passou a escrever compulsivamente, o tempo todo, até mesmo enquanto pedalava para o trabalho. Pode?!

Procurei na internet informações mais concretas sobre esses casos, mas como na ocasião não tinha a menor intenção de usar tais informações, para o que quer que fosse, nem me passou pela cabeça a sombra de querer anotar qualquer coisa. Se você gosta de checar referências, desculpe-me dessa vez. Se um dia topar com uma reprise desse documentário, serei mais cuidadosa.

Sim, mas voltemos à pintura do sete. Um dia, uma amiga comentou que adorara o impressionismo em minhas telas. Tenho uma vaga idéia

do que seja isso, uma tentativa de pintar a luz e seus efeitos, se bem entendi. Gosto muito de Claude Monet, mas daí a supor que eu tenha usado tal técnica, conscientemente, em algum de meus quadros, foi uma surpresa até para mim. Daí comecei a tentar ver minhas telas sob um ponto de vista, digamos, técnico.

O que eu sabia sobre Pintura, afinal? O que eu sabia sobre luz, sombra, perspectiva e tantas outras coisas? Impressionismo, Surrealismo, Cubismo etc.? Combinações de cores? Para mim, não mais do que uma brincadeira..."Essa aqui dá com aquela lá, que dá com aquela outra" e por aí vai. Aprecio Renoir, Van Gogh, Michelangelo, amo Frida Kahlo! Não é que eu seja uma total ignorante em artes, mas a verdade é que estou a quilômetros distante de ser uma entendida. Lido com Arte de forma totalmente intuitiva. Se uma pintura ou escultura me diz algo, gosto, e pronto! Não fico tentando entender... e muito menos explicar!

Penso que Arte é toda forma de expressão capaz de mexer, de alguma forma, com as emoções das pessoas. Como bem colocou o colega Cleber B (3), no texto 'Je Suis L'art': "Eu sou a arte. Nós somos arte", por que cargas d'água, então, deveria eu considerar aquelas imagens, que tão naturalmente brotaram das pontas de meus pincéis, das misturas de cores e sentimentos aleatórios, como não sendo uma manifestação artística autêntica? Como reagir a quadros lindos, pintados por crianças, seres relativamente livres de uma visão artística refinada?

No meu entender, produção artística verdadeira, incluindo Literatura, pouco tem a ver com domínio puro de técnicas. Atenção, não estou dizendo que técnicas não são importantes! Não estou aqui me referindo a tipos de "arte" para consumo. Digo que, num primeiro momento, quem deve falar sempre mais alto é o coração – ou a criatividade, como queiram - e não só as técnicas que, para mim, são simplesmente ferramentas.

Por esse motivo, em primeira instância, se tiver vontade de fazer algo, vá lá e faça! Se quiser pintar, pinte; Se quiser escrever, simplesmente escreva; Se quiser cantar, solte a voz! Expresse-se de alguma forma, se é disso o que necessita! Não se preocupe com regras, formas, padrões ou estruturas. Faça Arte - a Sua Arte! Pinte o Sete! Pinte a Vida! Num primeiro momento, cale o seu crítico interior (e não dê tanta trela assim para os exteriores). Preocupe-se, em primeiro lugar, em ouvir seu coração e registrar fielmente o que ele lhe diz. Depois, bem depois, aí sim, use técnicas para refinar o que viu, ouviu, sentiu; para frisar o que deseja, mesmo, transmitir; considere críticas.

Penso que artistas são assim designados, justamente, por serem capazes de produzir coisas diferentes, únicas, por terem a capacidade de inovar. Veja só: na época de Michelangelo, muitas técnicas artísticas já eram conhecidas e divulgadas por especialistas. Porém, sendo ele pobre, não pôde freqüentar uma faculdade e ser apresentado ao estado da arte de seu tempo. Começou, então, como aprendiz em oficinas de renomados artesãos. Quem sabe, ele não teve medo de

inovar justamente por não ter sido, "corretamente", iniciado no conhecimento dominante da época? Para construir suas obras primas, por conta própria, estudou anatomia humana, inventou engenhocas e ferramentas. Ele inovou em Pintura, Escultura e Arquitetura. O reconhecimento não veio assim, da noite para o dia, e ele jamais deixou de trabalhar, produzindo até bem pouco tempo antes de sua morte.

Certa vez, perguntei a meu esposo, também leigo, o que ele achava dos meus quadros. Ele me respondeu: "O que quer que eu te diga será simplesmente a minha opinião, que retrata a minha forma de ver o mundo. Eu não vejo tuas telas da mesma forma que tu. A partir do momento que incorporares minha opinião em teu trabalho ele deixará de ser puro, não será mais, simplesmente, a tua visão de mundo, pois estará contaminada pela minha. Não expliques teus quadros, pinta-os simplesmente. Não crie expectativas." Sábio conselho.

Para terminar esta reflexão, gostaria de citar relatos de alguns alunos da pintora mexicana Frida Kahlo (4), a respeito de seus métodos de ensino pouco ortodoxos: "Logo no início, ela (Kahlo) tratou de promover um clima de camaradagem na sala de aula. Ela jamais desestimulou qualquer de nós. Por outro lado, promovia nosso desenvolvimento e o exercício da auto-crítica. Ela tentou nos ensinar as técnicas básicas, chamando a atenção para a necessidade da auto-disciplina. Ela comentava os trabalhos, mas não interferia diretamente no processo de criação. Ao contrario do que faziam outros

professores, ela jamais nos disse algo sobre como deveríamos pintar, ou qualquer coisa sobre estilo, como fazia o mestre Diego (Rivera). O que ela, certamente, mais nos ensinou foi buscar o amor ao que é humano, aos povos e suas culturas. 'Muchachos' - dizia ela – 'ficando aqui dentro desta sala é que não podemos fazer nada. Vamos para a rua. Vamos ver a vida nas ruas e pintá-la.' "

REFERÊNCIAS

- (1) Pollak, T.A. and Mulvenna, C.M. and Lythgoe, M.F. (2007) De novo artistic behaviour following brain injury. In: Bogousslavsky, J. and Hennerici, M.G., (eds.) Neurological Disorders in Famous Artists – Part 2. Frontiers of Neurology and Neuroscience (Volume 22). S. Karger AG, Basel, Switzerland, pp. 75-88. ISBN 9783805582650 - <http://eprints.ucl.ac.uk/3465/>
- (2) BBC News; Migraine theory on Picasso paintings - Matéria antiga, mas que não deixa, por isso, de trazer informações interessantes. <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/909914.stm>
- (3) Cleber B; Je Suis L'art. <http://recantodasletras.uol.com.br/cronicas/1091339>
- (4) Andrea Kettenmann; Frida Kahlo 1907 – 1954 Leid und Leidenschaft. Taschen Verlag. Página 67. Trecho aqui citado traduzido livremente, do Alemão, pela autora.

Publicado também no Recanto das Letras em 04/03/2009

Código do texto: T1469139

O Poder da Influência

Riqueza material não é o que, necessariamente, torna as pessoas mais felizes. Penso que essa seja uma das conclusões (óbvias) a se que chega ao destrinchar o tema Felicidade. Aproveitando a deixa, dois bons trabalhos nesta área são o de Layard (1), abordagem puxando mais para o lado social e econômico, e o de Cutler (2) - escrito em parceria com o Dalai Lama -, abordagem mais voltada para o lado humano e espiritual. Quanto ao segundo, tente ler sem preconceitos.

E com esse pensamento fui ontem para a cama, chocada com a ocorrência de um massacre – mais um! - em uma escola secundária, num vilarejo chamado Winnenden, aqui na Alemanha. Telejornais noticiaram 16 mortos, incluindo o atirador. Todos pareciam ter uma só pergunta: “Por quê?”

“Amoklauf“. Esta é a palavra que aqui se usa para designar crimes desse tipo: pessoas armadas – com faca, arma de fogo, pau, pedra, o que seja - que saem atacando, matando a quem encontram pelo caminho. Seguindo o exemplo do massacre de Colombine, nos Estados Unidos – Deus salve a América! - não foi essa a primeira vez que tal coisa aconteceu por aqui. Parece que, na época da Copa do Mundo, em 2006, um doido saiu pelas ruas de Berlin esfaqueando

quem encontrou pelo caminho. E em 2002, massacre parecido ao de ontem aconteceu em Erfurt. Já pensou se a moda pega?

E pega! Vendo o noticiário ontem, e lembrando de um livro do Cialdini (3), lido ano passado, temo que casos assim voltem a ocupar as manchetes dos jornais nos próximos meses. Por que tanto pessimismo?! Olhe, pelo que entendi do que andei lendo, existe um fenômeno designado como copycat suicide ou efeito Werther – referência ao personagem de Goethe –, uma tentativa de explicar porquê, após a divulgação de um grande desastre, como a queda de um avião, um crime brutal, suicídio, ou massacre, há uma tendência a que uma série de casos semelhantes ocorram, pouco tempo depois.

Ano passado, observei o que me pareceu ser uma ocorrência desse fenômeno: Dia 29 de Março de 2008, o Brasil chocou-se com a notícia da morte da pequena Isabela Nardoni que, segundo a versão da polícia, fora esganada pela madrasta e depois jogada pela janela de um apartamento, no sexto andar de um prédio, pelo próprio pai. Na versão dos acusados, uma terceira pessoa invadira o apartamento e cometera o crime, enquanto os dois se encontravam na garagem do prédio, com os irmãos da vítima. Não sei que fim teve esse caso... Sim, mas isso não é importante aqui.

Observei que, não muito tempo depois, os jornais começaram a noticiar outros casos semelhantes, de violência contra crianças cometidos pelos próprios pais. Só para citar alguns: 1) Adolescente tenta matar filha de 8 meses esganada em São Paulo – notícia

publicada no caderno Cidades, Estadão.com, 10 de Junho de 2008; 2) Pai agride e ameaça jogar filho de 4 anos pela janela – notícia publicada no caderno Cidades, Estadão.com, 23 de Junho de 2008;

3) Mãe é acusada de jogar filha de oito meses pela janela – notícia publicada no caderno Cidades, Estadão.com, 1º de Julho de 2008.

Lendo o noticiário, na época, até brinquei: “Ué, agora virou moda no Brasil se jogar crianças pela janela?” – como se isso fosse brincadeira! Gracinhas à parte, lembrei-me, de novo, do livro sobre influência. Uma coisa puxou outra e fui parar no padrão Werther. Repetições de ocorrências desse comportamento é o que me preocupa. Ainda mais quando observo muito mais falarem dos criminosos do que das vítimas. Quem foram elas? O que faziam? O que queriam do futuro? E suas famílias, como estão?

Preocupo-me mais ainda, chego mesmo a revoltar-me, quando ouço jovens - que aparentemente têm tudo – dizendo:

“Es ist mir (scheiß)egal...”

“A mí me da igual y no me importa...”

“Tanto faz! Não importa!”

Línguas diferentes; expressões diferentes. Mesma idéia.

Até já me peguei rotulando esses jovens de “Geração do Tanto faz! Nada importa!”. Essa geração que não está satisfeita com o presente, e no entanto não se esforça para ter um futuro diferente, melhor. Nada

importa: passado, presente e futuro, nada faz diferença. Tudo dá na mesma. Se alguém não tem vontade para mais nada que não juntar-se em grupos para fumar, tomar bebida alcoólica e falar bobagens, que futuro terá? Muitas vezes, nem ajuda é aceita, pois isso sinaliza fraqueza. O que fazer então? Melhor deixar que continue o caminho, cega ou conscientemente, em direção ao abismo? Quem errou? Famílias, escolas, sociedade, todo mundo?

Escrevi esse texto basicamente para trabalhar o que sinto no momento, a respeito do ocorrido. Ao mesmo tempo, como uma forma de tentar me colocar nos sapatos das vítimas e suas famílias, até mesmo no lugar do “Amokläufer“ (o atirador), seus pais e amigos. Também como uma forma de fazer alguma coisa, de não ficar só engrossando o coro dos que perguntam “Por quê?” sem realmente quererem encontrar respostas. Hoje foi aqui, amanhã, só Deus sabe... Para alguém que esteja disposto a tudo por alguns minutos de fama, para quem a vida “tanto faz!”, a propaganda (e de graça!) que seus atos poderão vir a receber, pode ser uma baita de uma motivação, não?

REFERÊNCIAS

- (1) Happiness: lessons from a new science. Richard Layard – Penguin Books (2005). Versão em Português: Felicidade – Lições de Uma Nova Ciência – Ed. Best Seller (2008).
- (2) A Arte da Felicidade - Um Manual para a Vida. Dalai Lama e Howard C. Cutler. (Não lembro o ano. Acho que 1999 ou 2000)v
- (3) The Psychology of Persuasion – Influence. Robert B. Cialdini. Ed. Collins (2007).

Publicado também no Recanto das Letras em 12/03/2009 / Código do texto: T1482389

Contos

Memórias de Maria Teresa – Num Carnaval

Acordei de um susto. Abri os olhos lentamente tentando acostumá-los à escuridão do quarto. Fantasmas imaginários surgiam por entre as roupas penduradas no cabide. O relógio marcava 2:00 hs da madrugada e um silêncio enorme dominava a casa - incrível a quantidade de ruídos que eu conseguia captar. Será que havia sido meio-surda até ali? Fantasmas, em forma das mais diversas lembranças, povoavam minha mente e me impediam de conciliar o sono. Por que cargas d'água não tenho o poder de parar meus próprios pensamentos? Eu quero dormir, esquecer de tudo: do passado, do presente e do futuro! Em vão... Fiquei ali, ruminando coisas passadas, pequenas, inúteis.

Eu devia ter uns 8 anos. O filho da minha mãe adotiva, a quem eu chamava de tio por ter idade de ser meu pai, e sua segunda esposa, me convidaram para uma matinê de carnaval num badalado clube da cidade. A esposa dele deu alarme quando pegou meu cabelo pra ornamentar: "Nossa mãe, a menina tá cheia de piolho!"- o que na verdade era um tremendo exagero! Como esse meu tio não perdia uma oportunidade sequer de me avacalhar, só me chamou então de "porca-

pra-baixo". Disse que era uma vergonha eu não cuidar direito da minha higiene pessoal.

Todas as crianças que eu conheci tiveram piolhos uma vez ou outra na vida, principalmente quando começavam a freqüentar escola. Eu me cuidava sim, mas a praga é resistente pra caramba e às vezes demora muito pra gente se livrar completamente desses parasitas. E foi realmente uma fase. Depois disso, nunca mais voltei a ter esse problema.

Mas o que ele falou - e como falou - me marcou, me magoou muito, principalmente por causa da inferioridade que eu sentia. "Pode deixar, tia, precisa me arrumar mais não... Eu não quero mais ir pro Carnaval." – disse enquanto tentava me desvencilhar dela.

Mas é claro que eles ficaram zangados comigo: "E ainda se ofende?! Deixa de besteira, menina!" - ele me disse.

Ele contava comigo pra fazer companhia à filhinha dela, uns quatro anos mais jovem do que eu. Queria que eu fosse junto e brincasse com a menina pra que os dois pudessem curtir o Carnaval mais à vontade... Eu também sou tihosa: bati o pé e não fui! Não tinha porque sair com eles, já que eu era "uma porca piolhenta".

Tá bom! Chega!! Não quero mais ficar lembrando dessas bobagens. O que passou, passou... Águas passadas não movem moinho!

Ingenuidade minha pensar que tal estratégia funcionaria... Levantei da cama frustrada, caminhei até a sala, peguei papel e caneta e comecei a escrever:

"Acordei de um susto. Abri os olhos lentamente ..."

Publicado também no Recanto das Letras em 25/11/2008

Código do texto: T1301975

Memórias de Maria Teresa - Mudanças

Mudanças de endereço são geralmente associadas a muito trabalho e estresse. Na prática, nem sempre é tão ruim assim. É que em uma tal ocasião, por incrível que pareça, pode-se encontrar peças valiosas para a montagem do quebra-cabeças da vida. Mexendo e remexendo papéis velhos, eis que Maria Teresa encontra o esboço de uma carta antiga, destinada a alguém a quem ela jamais vira pessoalmente, um namorado ideal... de fato, irreal.

- Será que cheguei realmente a enviar essa carta?! Por email, talvez...?
- cogitava - Ah, não importa! - Eis que aqueles dias haviam sido muito confusos e a mente humana não é aparato confiável.

Na carta, estava escrito:

"Querido X,

Em primeiro lugar, gostaria de desculpar-me por não lhe ter dado a devida atenção nestas últimas semanas. Embora você possa pensar que não há justificativas para o meu súbito silêncio, o fato é que tenho estado muito ocupada ultimamente. Para ter uma idéia, tenho dormido sempre depois das 03:00 da madrugada, e sempre tenho que acordar por volta das 06:00 horas da manhã. Agora, por exemplo, são 02:30 da

madrugada, tempo que encontrei para pensar em minha vida pessoal. Normalmente passo o dia fora de casa, e quando chego, já está muito tarde para ligar para você. Coincidentemente, todas as vezes em que você me ligou, estava também impossibilitada de lhe dedicar muito tempo. Bom, não estou inventando desculpas, é isso que quero deixar bem claro.

Por outro lado, confesso que esfriei um pouco, pois fui obrigada a avaliar nosso relacionamento de maneira realista, como procuro fazer, aliás, com todas as outras coisas em minha vida. Sou mesmo fria e metódica, e não posso fugir deste fato, nem tentar mudar meu jeito de ser e minha forma peculiar de ver a vida.

Você é uma pessoa muito, muito especial para mim. Por favor, acredite! Exatamente por isso, acho que devo deixá-lo seguir seu caminho. Não sou uma mulher que sonha, agora, em casar e ter filhos. Não sei lidar com relacionamentos. Não me agrada o fato de pensar que a felicidade de alguém possa depender de mim de alguma maneira. Não posso e não tenho o direito de enganá-lo. Jamais quis fazer isso.

Não existe ninguém em minha vida no momento e, sinceramente, desejo que continue assim até que eu tenha capacidade de conduzir minhas emoções, o que pode, aliás, nunca acontecer. Li em algum lugar, atribuído a Shakeaspere: "Mostre-me um homem que não seja guiado por suas paixões, e lhe direi: eis um homem sensato." Não sei se foi ele mesmo quem disse ou escreveu isso, mas o fato é que

concordo plenamente. A paixão cega e pode desviar do caminho da razão.

Resolvi escrever, ao invés de falar pelo telefone, exatamente para não magoá-lo mais do que já possa ter feito. Você é um homem romântico, e isso é raro. É muito bom também. Espero que você não se feche por causa desse incidente. Abra seu coração para novas experiências, já que busca alguém especial em sua vida. Infelizmente, esta não parece ser minha vocação. Quero muito que você tente ficar bem (e tenho certeza de que ficará). É melhor que se magoe comigo agora, do que mais tarde, quando os danos poderiam ser muito maiores, o que eu não desejo em hipótese alguma. Não pense que o problema está em você. A vida é assim mesmo. Em relação a mim, existem coisas que não compreendo, mas tenho que aceitar.

Por favor, entenda que eu o quero muito bem. Vou entender perfeitamente se você decidir se afastar de uma vez de minha presença perniciososa. Eu jamais quis despertar esse sentimento em alguém. Certa vez, você me disse que seu único problema era gostar de mim. Não quero ser sua muleta, nem a de qualquer outra pessoa. Isso me deixa doente.

Exatamente por termos conversado anteriormente sobre o fato de você NÃO QUERER ser meu amigo, caso não pudéssemos ser namorados, vou me manter afastada.

Mais uma vez, quero DEIXAR BEM CLARO que isto não é culpa sua, mas INTEIRAMENTE MINHA. É consequência direta de minha forma fria de ver o mundo.

Se você ficar com raiva de mim, vou entender. Faço tudo isso para o seu próprio bem. É melhor cortar o mal pela raiz. Para mim não está sendo fácil lhe escrever esta carta dura; No entanto, é preferível escrever do que falar. Assim consigo organizar melhor as idéias e fazê-lo entender o que realmente quero dizer. Não sei lidar com emoções. Por favor, perdoe-me.

Essa é uma decisão totalmente minha. Meus amigos e minha família não têm nada com isto.

Maria Teresa.

P.S. : a única mentira, ao longo de todo esse tempo, foi eu ter lhe dito, da última vez em que me ligou, que estava tudo bem. Eu deveria ter tido coragem (também não tinha muito tempo disponível), para dizer-lhe como estava me sentindo infeliz por ter que nos trazer de volta à realidade. Desculpe a covardia."

- E eu pensava que o tempo havia me transformado no que sou. Na verdade, eu sempre fui assim! – exclamou, dobrando a carta recém lida e em seguida guardando-a na caixa onde se lia "recordações". A quantidade de bagulhos, ainda por separar, dava-lhe tempo suficiente para reorganizar as novas peças encontradas. A figura do quebra-

cabeças, refletindo sua busca por auto-conhecimento, adquiria agora novas formas, uma nova perspectiva.

NOTA

Embora uma coisa não tenha relação com a outra, ao final da narração deste episódio na vida de Maria Teresa, lembrei-me da tragédia da menina Eloá. O que será que leva alguém a pensar que tem o direito de "possuir" outra pessoa?

"If you love somebody, set them free." (Sting)

Publicado também no Recanto das Letras em 11/12/2008

Código do texto: T1330207

Memórias de Maria Teresa - Um Colega

Enganava-me ou seria Antonio, aquele rapaz no fundo do ônibus? Aproximei-me para verificar. Se fosse, reconhecer-me-ia. Na escola primária, era o xodó das meninas. Começara desenhando bonecas e ao final do quarto ano, já desenhava modelos lindíssimos por encomenda das colegas. Até mesmo a professora, certa vez, chegou a pedir-lhe um vestido. Era visível o talento daquele rapazinho moreno, miúdo e de feições andróginas, para a moda. Combinava cores perfeitamente, criava estampas e modelos a partir de amostras de tecidos, e desenhava tudo como em transe, em menos de 15 minutos. Incrível! De vez em quando os meninos até chacoteavam de suas bonecas, mas nada que lhe pudesse ferir a alma - naquele tempo ainda não era comum a crueldade infanto-juvenil que hoje se vê nas escolas.

Sua atenção era muito disputada entre as meninas da classe. Até mesmo eu cheguei a brigar com uma coleginha por sua causa. Além de talentoso, Antonio era também bom aluno, muito educado e gentil, razões mais do que suficientes para “tolerar aquelas esquisitices” – como dizia seu pai -, mas não incentivá-las: “Desenhar bonecas lá era coisa de homem?!” Ao final da quarta série, separamo-nos e nunca

mais o vira até aquele dia. Quando nossos olhos se encontraram, sorrimos ambos com alegria.

Antonio conservara as feições doces e continuava muito gentil. Exclamei:

- Nossa, quanto tempo!

- Pois é, menina, você não mudou nada! – replicou – O mesmo rostinho redondo.

Em poucos minutos, tratamos de colocar o papo em dia, e como não podia deixar de ser, acabei perguntando por seus modelos. Ao que ele, com uma sombra de tristeza no olhar, respondeu:

- Pois é, cidade pequena... acabei não conseguindo estudar o que realmente queria, pois aqui não tinha nada parecido com desenho de moda. Depois que papai morreu, há cinco anos, não quis deixar mamãe sozinha, e como meu irmão mais velho seguiu carreira militar, é casado e vive uma vida nômade... E você? – perguntou como que querendo desviar de si.

Tem gente que se alegra quando as coisas não vão bem para os outros. Eu não. Senti-me triste, também. Por isso peguei a deixa e mudei a direção da conversa um pouco para o meu lado. Contei-lhe que há muitos anos já não vivia naquela cidade, que estava lá agora só de visita.

- Casou, tem filhos? – quis saber.

- Sim, segui o conselho de minha mãe e casei-me com minha carreira, melhor marido que uma mulher pode ter, como ela costuma dizer – dei um sorriso maroto e completei – Ainda não perdi as esperanças de um dia encontrar minha metade vagando por aí. E você? – mordi o lábio, pois foi inevitável perguntar.

- Menina, eu... eu ainda estou esperando aquela pessoa especial... – Olhou para mim com o mesmo ar de cumplicidade com que nos olhávamos no quarto ano, quando os meninos faziam pouco de suas “bonecas”. Senti que, mais uma vez, seus olhos encontravam nos meus toda a compreensão do mundo, uma certeza de que nada mais precisava ser dito. Vi que meu ponto se aproximava e tratei de dar-lhe um cartão com dados para contato. Apertei o botão de próxima parada e antes de levantar e chegar rapidamente à porta, algo me cutucou e disse-lhe assim, de supetão, sem pensar:

- Antonio, sempre é tempo de se correr atrás de um sonho. O mundo é pequeno e a vida fugaz... Você tem muito talento. E sabe disso! Olhamo-nos fixamente. O ônibus havia parado e esperava por mim. Corri até a porta. Desci e virei a cabeça para trás. Antonio ainda me seguia com os olhos. Não nos vimos mais depois disto.

Outro dia, recebi um Email convidando para um evento desses do mundo da moda. Estranhei, por este mundo não fazer parte do meu. Ia jogar no spam, quando reparei no nome dos estilistas... Nesse momento, o sol sorriu no meu peito e um dia frio de inverno foi-se aquecendo, com um lindo céu azul deixando-se ver ao fundo.

Publicado também no Recanto das Letras em 18/03/2009

Código do texto: T1492415

Firmino Pena

De vez em quando, gosto de me propor desafios... Aqui, o resultado de um deles: escrever um tipo de 'causo'. Ficou um pouco longo... É que não quis 'castrar' os personagens... Foi muito divertido criá-los!

Boa leitura! :-)

FIRMINO PENA

Todos os sábados, à tardinha, era assim. O sujeito, acabado de vir da missa das quatro, a qual assistia toda semana, re.li.gi.o.sa.men.te, sentava-se rente ao balcão da lanchonete, pedia um copo de suco qualquer, e ali ficava, a puxar conversa com ouvidos soltos vagabundos. Assim matava o tempo, antes do início do campeonato de dominó, na praça. Duas coisas pareciam ser a razão de sua existência: o próprio falo e o bolso!

Isso intuía eu, observando que quase todas suas conversas giravam ou em torno de sexo ou de dinheiro. Nem mesmo eu escapava de suas piadinhas e papos maldosos: “ Tônico, menino, nunca te vi com mulher por aí! Hum... olha que eu já te disse que urubu e viado comigo é na pedrada! Só vive enfiado nesta lanchonete, grudado em saia de mamãezinha... Onde já se viu? Dia desses vou te levar por

aí comigo. Aí vamo ver se tu gosta mesmo da fruta he he he... ”.
Como não sou de atirar pérolas a porcos, ficava quieto, só na minha...

Na maioria das vezes, Firmino tirava para enxovalhar suas ex-mulheres. É melhor ouvir do que ser surdo. Por isso eu escutava suas versões, e quando ele muito se empolgava, pensava comigo, balançando a cabeça desalentado: “ Ah, Firmino Pena... quem não te conhece é que te compra... ”

Toda a cidade sabia que seu maior arrependimento era o de ter-se casado cedo e não ter gozado mais a mocidade. Firmino passara boa parte da vida em colégios católicos. Assim como a mãe de Bentinho - aquele, de Machado -, a de Firmino também queria vê-lo padre. E ele chegou mesmo a ser seminarista, até que os diretores do seminário, todos convictos de sua total falta de vocação, convidaram-no gentilmente a sair.

Deixar o seminário e desembestar no submundo foi tudo um mesmo passo. Em nossa pequena cidade, naquela época, isso era sinônimo de viver uma vida desregrada, frequentar bordéis. Vivia assim, feito cavalo brabo solto no mato, até um dia ser laçado por uma das moças mais bonitas da cidade – e filha de uma família muito boa, diga-se de passagem!

“ Aí foi o começo de toda a desgraça ” – contava ele – “ pois naquela época as coisas eram muito diferentes... Para se poder levar uma MOOOÇA para o quarto, antes era preciso passar pela sala... E para

chegar ao objetivo, só se fosse começando pela mão! Ainda mais aqui, nesta cidade, que é um ovo! ” Consumido por um fogo da cachorra e só pensando no objetivo, não teve jeito: casou, e casou bonito!

Não tinha ainda nem vinte e um anos e a noiva beirava os dezenove. Logo vieram os dois filhos do casal. O primeiro nem havia sido desmamado, o segundo já batia à porta. Sou muito amigo desses meninos. Crescemos juntos. Fomos vizinhos e colegas de escola. Somos, praticamente, da mesma idade. Essa amizade foi o que me fez conhecer bastidores das peças de Firmino.

Pouco depois da chegada do segundo filho, a esposa perdeu a graça para ele. Aí começaram suas memoráveis puladas de cerca. Isto foi o que ela, certa vez, me contou. Logo no início, sofrera muito - e calada. Firmino nem suspeitava que ela soubesse de suas tão bem armadas estripulias. Presa ao casamento por causa dos filhos, e por dependência financeira, ela levava a vida como podia. Quando os meninos cresceram, impôs-se à resistência do marido, da família, e da sociedade, e começou a trabalhar fora de casa. Arrumou um emprego como secretária, meio expediente, num escritório de advocacia.

Anos foram passando. Firmino vivia cada vez mais intensamente suas aventuras extra-conjugais; ela trabalhava e economizava - em segredo! Até agradecia o fato dele não ‘procurá-la mais’ – termo que ela usava -, razão pela qual não tiveram mais filhos. No começo, ela fingia dores de cabeça, coisas do tipo e depois nem precisou mais mentir. Logo teve dinheiro suficiente para comprar um carrinho – um fusquinha de

segunda-mão – e tornou-se independente da ‘boa’ vontade do marido em ceder-lhe o carro da família, quando queria sair só. Firmino vivia tão centrado no próprio umbigo que nem notou as mudanças da esposa. Vestia-se muito bem, cuidava-se. Fortalecia-se e preparava-se para o dia da alforria. Era o quê, na época, se chamaria ‘mulherão’ – com todo o respeito, claro!

Ela me contou como foi no dia do choque. “ Firmino, quero a separação! Esse CAGAMENTO ” – frisava o erro – “ tá dando certo mais não, meu filho... Pensa que ele me levou a sério, no início? Ficou foi caçoando, perguntando como é que eu ia viver sem ele. E eu, de pronto, respondi: Problema meu! Só queria te dizer que tô deixando a casa nos próximos dias. Advogado eu já tenho, e os papéis já dei entrada. Os meninos já sabem, disseram que querem ficar comigo.”

Firmino caiu, literalmente, da cadeira! " Pois é, meu filho, a ficha demorou foi muito pra cair... Tinha a boca dura, morria mas não admitia ter pulado cerca. Dizia que era tudo invenção minha, exigia provas... Foi um inferno! Pior ainda foi quando ele soube, pouco depois da separação, que eu tinha ‘me amancebado’ – como ele falava – com o meu chefe, que ainda por cima, era já um homem de meia-idade - e casado! ”. O chefe deixara a família para ir viver com ela. Pois é, coisas da vida!

Já Firmino conta que, nesse ponto, as coisas começaram a clarear para ele... Botou na cabeça ‘chifres’ de que a mulher sempre o traíra, desde que os meninos eram pequenos. Ser trocado por um homem em

melhor posição social que a sua, até podia aceitar, mas traição?... “ Não! Aquilo já era demais... TRAIÇÃO é inaceitável! ” – declarava ofendido, contando as desditas.

E com mais ‘reeeeiva!’ ele ficou, quando se viu obrigado a pagar pensão aos dois filhos. Ferido na alma – e no bolso! – passou a difamar a ex-mulher. Ela, ao saber das fantasias sujas que ele espalhava a seu respeito, só dizia: “ Aqui se faz, aqui se paga... Foram mais de 15 anos de CAGAMENTO... ” – fazia questão de frisar o erro na palavra – “ Só Deus sabe o que eu passei! ”

Daí o homem ‘despirocou’ de uma vez! “ Se a mulher teve coragem de me trair e abandonar o lar, eu, um homem tão bom, não tinha porquê agora me comportar como um monge! ” – assim tentava justificar seu novo comportamento - “ Fui um homem correto, vivia de casa-pro-trabalho, do trabalho-para-casa... Olha o quê eu ganhei! Agora, quem quiser falar mal de mim, que fale! Eu vou mais é gozar a vida. E gozaaaaaar muito!! ”.

Sem o menor pudor, incorporou o ‘terror’ das mulheres. Em sua casa era um entra-e-sai de mulher de todo tipo, cor e tamanho. Era manhã, tarde, noite, madrugada... Eu cogitava: “ Enlouquecera ou estava querendo provar alguma coisa a alguém. ”. E todo sábado estava lá, batendo cartão, na missa das quatro. Dizia que pecava de domingo a sexta, mas o sábado... esse dia era sagrado! Era dia de descontar os pecados na missa, de limpar a lista para a próxima semana.

Divorciado, curtiu sua vida solta, de cavalo brabo, até um dia ser laçado de novo, só que dessa vez por uma ‘macaca velha’, como ele a chamava. Esta trabalhava e era por demais independente. Para usar termos atuais, podia-se dizer que era uma de suas ‘ficantes’ mais constantes. Já ele gostava de usar o termo ‘amizade colorida’ para designar aquele tipo de relação.

Um dia, a mulher engravidou e culpou Firmino pelo acidente. Casaram-se por causa da criança, que Firmino assumiu sem longas nem delongas, se bem que se diziam muito apaixonados... No período em que estiveram juntos, Firmino parece ter sossegado o facho. Se houve aventuras nessa época, ninguém sabe, ninguém viu. Se o casamento fosse feliz, talvez até pudesse ter continuado – quem sabe? - até hoje sendo, não fosse aquele nariz...

Ah, Nariz e mentiras... Êta associaçãozinha braba! A criança – um menino - tinha um nariz que não puxava a nenhum dos dois lados: nem o do pai, nem o da mãe. O menino cresceu, e junto com ele, o nariz - e as insinuações! Até que Firmino começou a reparar melhor nele... Logo estava convencido de que era uma copia fiel, em miniatura, de um colega de trabalho da ‘macaca velha’.

Aquela velha conhecida dor-de-corno, se já incomodava, agora tornara-se insuportável. “ TRAIÇÃO é inaceitável! ”: esse era o mote de Firmino. A mulher negou toda vida ter tido caso com o suposto pai, o colega, e afirma – até hoje - que Firmino é o pai do menino. Foi em cima, foi embaixo e a questão da paternidade foi parar no tribunal,

assim como a separação, pois a essa altura o casamento já tinha ido pras cucuias...e há muito tempo!

Contando a história, Firmino dizia estar certo de terem feito “macumba braba” pra ele. “ Com certeza, aquilo era coisa daquela... piiiiiiiiiiiiiii!! ” – berrava. Como pessoa educada que sou, termos chulos, aqui, não vou usar. Eu só lembrava do “ Aqui se faz, aqui se paga... ”. Isso, da macumba, foi por causa do seguinte:

Cidade pequena, todo mundo conhece todo mundo. Aconteceu do juiz da cidade ser filho do homem, daquele que tinha ‘se amancebado’ com a primeira mulher... “ Ah, mas esse juiz tem tanta raiva, mas tanta raiva daquela safada! ” – contava Firmino – “ Se não fosse por ela, o pai dele jamais teria abandonado a família. E a mãe, desgostosa, não teria ido parar no sanatório... ”

Pois é... Deu que a (suposta) má-vontade do juiz, aliada à incompetência dos advogados de Firmino, transformaram o processo em algo ‘kafkaniano’. Ainda que todos os exames, provas e contra-provas, dessem que ele não era mesmo o pai biológico, o caso da paternidade – com todos os recursos cabíveis -, arrastou-se por muito tempo, com Firmino tendo que arcar com todos os custos no final.

Para evitar maiores prejuízos, decidiu, dali em diante, livrar-se dos ‘famigerados efeitos colaterais’. Era assim que costumava se referir aos filhos, incluindo aquele que fora, sem na verdade jamais ter sido. Firmino fez, então, vasectomia. Uma vez fechada a porteira, o abate

podia continuar, sem dó nem piedade. A essa altura, ele já havia passado dos quarenta, o que, talvez ajudasse a explicar aquele comportamento comedor. A única coisa que viria refrear um pouco sua promiscuidade, anos mais tarde, seria medo da Aids, “ culpa desses viado sem-vergonha! ” – como dizia.

Talvez a passagem dos anos o tivesse feito desejar uma vida um pouco mais estável. Foi aí que, pensando ter encontrado uma mulher correta – religiosa, madura, ajuizada – decidiu casar-se pela terceira vez. “ Tinha tudo pra dar certo! Eu gostava dela, ela de mim... ” – lembrava, o olhar perdido no teto da lanchonete. De repente saía do transe e, fixando o olhar no primeiro ouvinte que encontrasse, como a ponta de uma faca rente à retina, dizia: “ Fizeram, de novo, macumba pra mim. Só podia ser! ”

Tudo ia muito bem até que, para surpresa geral, a mulher engravidou – e de gêmeos! Firmino não creu. Afinal, ele não tinha feito o diabo da vasectomia? Dizem que a taxa de falha – quando a coisa é bem feita – não chega a 1%. Fato é que a santa mulher jurava, de pés juntos, que jamais lhe fora infiel, mas Firmino, transtornado por seu horror a traição – pecado imperdoável!! - dizia não querer nem ouvir falar naquela ‘santa do pau oco!’.

A mulher, não negando a raça - nordestina, “ masculina mulher macho, sim senhor! ” - anunciou: “ Pois vamo esperar as crianças nascer. Se o exame de paternidade der positivo, mesmo num querendo, nem precisando do seu dinheiro, seu cabra muquirana, vou

arrancar até o seu couro! E as crianças, nessas tu nunca vai triscar é um dedo! ” – lembrava Firmino – “ Como é que eu podia saber? Gato escaldado ...” – dizia com ar de coitado - “ E foi assim mesmo que aconteceu... Mulher tihosa, e enfezada, aí já viu!! ”

A cara do Firmino já era manjada no tribunal - aquele mesmo juiz ainda tava por lá... – e, para o mal dos pecados, a santa mulher era de família influente. Pelas pedras com que passou a topar, dali em diante, Firmino amargou pelo resto da vida ter duvidado da palavra da sua terceira – e última – esposa. Essa mulher ele dizia amar, os amigos me contaram. Tentou reatar com ela. Chorou, pediu perdão, se humilhou, mas arretada como ela só, cumpriu todas as suas palavras, sílaba por sílaba, letra por letra. Os prejuízos financeiros de Firmino, esses foram astronômicos!

“ Foi tudo macumba daquela... piiiiiiii!! ” – de novo me impede o recato de aqui repetir palavras de tão baixo calão. “ Tudo começou por causa dela! Eu sempre fui um homem fiel. Se tem um homem que não merecia chifres, esse era eu! Três vezes - três vezes!! - bebi o veneno da traição, sendo que da terceira me enganei, e perdi minha santinha... Perdi o respeito pelas mulheres... Hoje só quero saber é de ficar! Casamento? Sou mais besta não! Mulher direita, como a minha santinha, duvido que ainda exista! Tudo safada! Tudo cachorra! Por isso é que hoje em dia eu só fico... e me cuido... “ – dizia, mostrando os preservativos na carteira, tentando parecer ‘pra frentex’, termo que gostava de usar.

Espichou o olhar para a rua ao ver uma bela mulher passar em frente à lanchonete, e disse: “ Peraí, rapaz... Olha aquele chuchuzinho ali... “– fez com a boca uns ruídos, como se salivasse e sibilasse ao mesmo tempo – “ Deixa eu correr ali, gente! Aquele filezinho não vou dispensar he he he... ” – e a ladainha daquele dia parou por ali mesmo.

Assim era Firmino Pena. Não nego que fosse um homem bonito. Vai ver por isso fazia tanto sucesso entre as desavisadas. Devia lá ter suas qualidades, mas quando abria a boca...

Por meus amigos – os ‘efeitos coletareis’ mais velhos – fiquei sabendo que ele, tendo se recusado a fazer o preventivo, por puro preconceito, há pouco tempo descobriu um tumor na próstata, já em estágio avançado. Sendo altíssimos o custo do tratamento e o risco de ficar brocha, não deu outra: “ Come, morre... Não come, morre... Ah, deixa tudo como está!” – decidiu. Creio que ele nem sonhe que eu possa saber de tudo isso...

NOTA

Isso é ficção. Qualquer semelhança com situações, fatos e pessoas na vida real foi mera coincidência.

Espero que tenha gostado da leitura :-)

Inté!!

Publicado no Recanto das Letras em 10/03/2009

Código do texto: T1479303

Poesia

Agonia e Força do Agora

Se nebuloso o presente está,
Imprudente me parece,
Num Agora turbulento,
O futuro especular.
É que o medo e a incerteza lá estão
Prontos para do caminho certo
Te desviarem a atenção.
O caminho, rumo ao desconhecido,
É como o breu.
Quão correta uma escolha foi,
Só muito depois poderás saber.
Pede conselho então
Ao Passado,
Sábio ancião.
Certamente nele poderás confiar
Pois em sua trajetória,

Humanamente, nada se pode mudar.

Aprende dele

Tudo o que puderes.

E não subestimes, jamais, esse mestre,

Como já o fizeram antes,

Tantos arrogantes.

E o que fazer então para acalmar teu ansioso coração?

Pensa em coisas positivas, belas...

E então te surpreenderás,

Pois quando olhares

No espelho verás

A cor de tua aura se transformar.

Fuga!

Não seria tal palavra

A que teu coração, no Agora, branda?!

Puxa, como querias que um Buraco Negro se abrisse,

Bem debaixo dos teus pés, enorme,

E te engolisse?

Besteira... Recobra a razão!

Pois para o desespero,
Melhor remédio não há
Do que sair e ar puro respirar.
Pois acalma-te, e logo verás
Com que clareza te porás a pensar.
"A vida é simples, a gente é que complica!"
Repete o bordão do radinho de pilha.
Sim, mas o que fazer?
Como podes, efetivamente,
Teu desespero conter?
Pois ainda pensas no presente
E nos problemas que nele há,
E como não és covarde,
A única saída que te resta
É lutar.

E para que te lembres da força de outros tempos,
Apóia-te nas palavras de outrem
Para obteres coragem e suporte
Em mais um momento de tormento:

"Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos
Só pode exaltar."
(Gonçalves Dias)

Publicado também no Recanto das Letras em 04/12/2008
Código do texto: T1318172

Cheiros da Pobreza

Miséria cheira a sebo,
A ambiente engordurado.

Odor pútrido e fétido

Do trabalho duro,

E mal pago.

Miséria cheira a ralo,

O cheiro da exploração;

Desigualdade, injustiça;

Roubo e corrupção;

Cheira a falta de escolas,

Trabalho, dignidade e pão.

Tem o odor das latrinas

De direitos roubados,

Como Saúde e Educação.

Miséria cheira a dejetos,

Propinas, abusos

E descasos.

Pobreza de alma cheira
A dinheiro público desperdiçado.
Pobreza também cheira
A Esperança:
"Um dia a coisa vai mudar!"
De tirar das palafitas,
Aqueles que flutuam lá.
Viver em palafitas,
Lá vida isso é?
"Morada miséria pedindo socorro" (1)
Cheira a favela, no meio do lodo
"Ninguém fica imune
Crescendo no esgoto" (2)
O cheiro da miséria espalha-se pelas cidades
Chamando a atenção dos cegos
Que lá não querem ver.
Se um dia esse cheiro te encontra
Quero ver o que vais fazer.
Ainda mais se vives

Como quem não sente
Que o Rolex no braço,
Em terra de indigentes,
É um tapa na cara
De muita gente!
Mas ainda há tempo
Para que possas acordar!
Se tens dinheiro, ajuda
Alguém a se levantar.
Miséria é realidade.
Dinheiro é papel.
Não tarda o dia em que dirás:
De nada me adianta bolsos cheios,
Se deles não posso gozar.
Desvia os olhos do próprio umbigo
Tempo ainda há.
Pois dos maus cheiros,
Pior que o egoísmo,
Isso te digo, não há!

REFERÊNCIAS

- (1) Trecho da canção Mocambo, autoria de Antônio Vieira.
- (2) Trecho da canção Tempestade (Christian Oyens / Zélia Duncan).

Publicado também no Recanto das Letras em 05/03/2009

Código do texto: T1470584

A Equilibrista de Dores

Puro resultado da arte do improviso, de migalhas de construções abastadas. Tudo o que pudesse ser aproveitado para tornar um sonho realidade. Sem plano, sem rumo, sem arquiteto. Sem cabimento, sem fundamento. Minto. Com fundamento, porém torto.

Um dia, mais uma parede equilibrista. No outro, mais um pedaço de chão de pedras batidas, preparação para o que um dia viria a ser um piso de cimento rústico. O sonho escapava pelas fendas entre os tijolos. Estes não se cheiravam. Não houve meio de uní-los com aquele cimento ralo. Cimento não, muito mais barro. Logo se previa que aquilo tudo um dia ruiria. Mas não se queria ver. Precisava-se sonhar.

Com uma força tamanha, chegou-se à cinta. Ferro velho, usado, vagabundo, torto. A criatura equilibrista desafiava as leis da física, e de pé se mantinha, e crescia.

Todas as paredes, o chão de terra batida. Agora o teto, acima, viria.

Madeira podre, roída. Mal cortada, serrada. Roubada? Não se sabia. Roubados, por certo, eram os sonhos de morar bem, pelo tanto suor que se dava no trabalho explorado, e o pouco ganho que dele se obtinha. O monstro foi crescendo. Forma: nem os olhos mais otimistas vê-la conseguiriam.

E veio o teto. Acima. Telhas baratas. Quentes no calor; nulas no inverno. Os dias de chuva de “trivoadas”, gota-a-gota bebidas pelo chão de pedras batidas. Ficava o barro molhado. A água do céu aberto misturava-se ao sereno dos olhos fechados. E tudo, junto, ia por água abaixo.

Paredes, o chão e o teto. E agora eram os olhos que não se fechavam, por falta de pálpebras e cílios. Eram também as várias bocas que lhe quedavam abertas, sem dentes, sem línguas. Não sorriam, gritavam. Todos podiam, de fora, ver por tais orifícios sua alma nua, em suplício.

Não bastasse a dureza da vida, a escassez de bens, havia ainda a inveja do outro sufocando a tenaz alegria. Das migalhas de outros, com tanto sacrifício conseguidas, mister seria vigiar, para que ladrões, aquele pouco, não lhes viessem tirar.

Paredes de areia, chão de barro, teto esburacado. Agora tinha também bocas e olhos, vendados. Mas não tinha banheiro, nem água, nem luz, nem esgoto, nem alma vestida.

Com o tempo, veio a ter muito do que lhe faltava, mas tudo torto, improvisado.

Aquela casa existia, simplesmente, para expressar de seus donos, frustrações, dores e danos. Era uma casa sem alma sorridente. Era sombria, triste. Não abria suas bocas, por vergonha de mostrar a falta dos dentes.

Porém, seus habitantes, se hoje ainda vivem, isso a ela devem, a essa morada de dores, que por anos, calada, tudo de ruim, só para si, deles absorveu, engoliu, guardou.

E ela, essa equilibrista de dores, inda hoje está lá, de pé, desafiando as leis da vida.

Para Suca, com amor.

"Tanta briga, tanta luta, tanta dor por causa dessa casa e olha só o que restou..."

Das dores dessa casa, Suca, brotou muita vida.

Publicado no Recanto das Letras em 13/03/2009

Código do texto: T1484526

Crônicas

Um Dia Cheio

Nossa, como estou cansada! Sentei-me, respirei e lembrei que já há um bom tempo não postava nada na minha escrivaninha. Os últimos dias têm sido realmente corridos. Fechamento de pendências do ano que acabou, preparação para o ano em curso, e os imprevistos! Ah, os imprevistos... O que seria de nós sem eles?

Li em algum lugar que a necessidade é a mãe da invenção. Não sei quem cunhou esta frase, mas o que importa é que ela é mesmo a pura verdade! Se os imprevistos não nos colocassem em apuros, não superaríamos nossa preguiça de pensar e encontrar uma solução rápida para um problema, e muitas vezes perfeita! Hoje mesmo me surpreendi comigo mesma ao tirar do chapéu uma solução mágica, super simples aliás, para um problema que me ocorreu de imprevisto. Fiquei me perguntando como não havia pensado naquilo antes... Falta de necessidade? Pura preguiça de pensar? Que seja!

E por falar em preguiça, aqui na Alemanha se usa uma alegoria muito engraçada para representar esse estado de espírito, a figura de um porco selvagem (ou seria porco-do-mato? Sei lá!) agarrado no pé da pessoa, prendendo-a, impedindo-a de andar. "Ah, eu queria muito hoje ter saído pra caminhar, mas o porco do mato (Wildschwein) foi mais

forte e não deixou." Interessante as desculpas que damos a nós mesmos quando não queremos realmente fazer algo.

Um professor da Carnegie Mellon University, Randy Pausch, recentemente falecido, disse uma coisa muito interessante em uma apresentação que ficou conhecida na internet como sua última aula (Last Lecture). Há vários vídeos sobre ele no YouTube, a maioria em Inglês. Bem, o que ele falou nesse vídeo, e que eu não esqueci, foi o seguinte: "Barreiras estão lá para nos lembrar o quão realmente queremos algo" - traduzido livremente do que entendi assistindo o vídeo – e meu Inglês não está lá grande coisa...

Bom, penso que ele tem razão. Quando queremos realmente uma coisa "não há obstáculo alto ou vale profundo o suficiente" (5) para nos impedir de alcançá-la. Porém, quando não queremos mesmo algo, de coração, aí a coisa é diferente...

Há casos de passarmos a vida empurrando com a barriga coisas que nunca quisemos de verdade. Por exemplo: o sujeito descobre lá pelos 30 anos que investiu anos na profissão errada, mas se acovarda diante de uma mudança tão radical, e tão tarde. Vai ver nem pode jogar tudo pro alto, principalmente se muita coisa estiver em jogo. Aí se sacrifica e segue dando murro em ponta de faca, mentindo para si mesmo, dizendo que agora não dá mais para voltar atrás, que segurança financeira é mais importante do que fazer aquilo de que se gosta de verdade e trá-lá-lá...

Imagine que um dia algo aconteça e vire a vida do cabôco de cabeça pra baixo, tipo uma doença terminal, falência financeira, a casa que caiu e matou a família inteira etc. E agora? Muda tudo? Por que às vezes ficamos esperando que algo aconteça para promovermos uma mudança radical em nossas vidas? Talvez porque seja cômodo ou porque aí a decisão não partiu realmente de nós, não foi nossa culpa?

Ah, tá! Eu sei que a vida é cheia de compromissos... Também não estou aqui para analisar nada. A única coisa que eu queria com este texto era relaxar, relaxar... matar as saudades de escrever... pensar nas tantas tarefas que realizei hoje e no sentimento de ter chegado ao fim do dia com uma sensação de dever cumprido. "Pronto! Agora até posso fazer algo pouco produtivo, idiota, tipo assistir TV. Ah, no canal X tá passando um Big Brother, em algum lugar do mundo. Ah, tanta idiotice 'Eu não agüento, não agüento. É de noite, e de dia...' (1) nem meio segundo! Logo pinta um documentário interessante, que prende minha atenção, então é adeus à idéia de ficar fazendo algo estúpido, bobo."

Sim, é verdade que não tenho tido muito tempo livre ultimamente, mas de vez quando, pra distrair um pouquinho, entro aqui e leio os textos publicados no dia. Foi assim que li o pedido de sugestões de boas leituras para 2009, postado pelo colega Davi Cartes Alves (4). Eu sugiro a leitura de biografias. Incrível o quanto podemos aprender com as experiências dos outros.

Um exemplo? Acabo de ler um livro inspirador (2) contando a vida da pintora mexicana Frida Kahlo. Eu já havia visto o filme com Salma Hayec, muito bom aliás. Mesmo assim em nada a leitura perdeu seu fascínio. Outra excelente dica, principalmente para quem escreve, é a autobiografia de Gabriel Garcia Márquez, *Vivir para contar-la*. Aqui um dos trechos que me deixaram um tempão vendo estrelas, boquiaberta...

"Cuando el funcionario del banco, con la cadencia viciosa de los andinos, se excusó de no haber sabido a tiempo que el mendigo que cobró el cheque era el autor de *La Jirafa*."(3).

Quando tiver oportunidade gostaria de ler também sobre Portinari, José Saramago e outros tantos que parecem me dizer: "Tira esse traseiro gordo do sofá, amarra o porco-do-mato ao pé da mesa e vai à luta!"

Pra você que me leu agora, tudo de mão em 2009, vice?! Acho que escritor deve dizer pra outro coisa do tipo: "Muita inspiração, quebre a caneta (ou o teclado)!!" Vou passar um tempinho sem postar. Volto, se Deus permitir, depois do Carnaval. Ah, quando tiver mais tempo retribuo as visitas carinhosas que tenho recebido desde que estou aqui nesse cantinho do céu. :-)

Um abraço fraterno.

REFERÊNCIAS

- (1) Trecho da canção Eu Não Agüento, Titãs.
- (2) Andrea Kettenmann; Frida Kahlo 1907 – 1954 Leid und Leidenschaft. Taschen Verlag.
- (3) Trecho extraído da página 460, Editora Debolsilho, ISBN-10: 8497598733
- (4) <http://recantodasletras.uol.com.br/mensagens/1353507>
- (5) Trecho inspirado na Bíblia e na letra de Aint No Mountain High Enough (Nickolas Ashford & Valerie Simpson) interpretada por Marvin Gaye and Tammi Terrel; http://en.wikipedia.org/wiki/Ain't_No_Mountain_High_Enough

ERRATA

Devia estar tão cansada quando escrevi este texto que cometi um pequeno erro. Quanto à alegoria usada por aqui para representar a preguiça, procrastinação (viver adiando coisas), não se trata simplesmente de um porco-do-mato (Wildschwein) como havia dito. Wildschweine relaciona-se às histórias de Asterix e Obelix (que eu adoro, diga-se de passagem!). Trata-se de uma mistura de porco-do-mato com cachorro, um animal que mora dentro de cada um de nós, o assim chamado Innerer Schweinehund. Bom, é isso aí. Lembrei disso bem depois e agora voltei pra corrigir. Brigadão!

Publicado também no Recanto das Letras em 08/01/2009

Código do texto: T1374796

O Desfile

O dia começou hoje, pra mim, com um desfile surpreendente. Muitas foram as mulheres que aqui vieram, hoje cedo, passear em minha casa. Rodopiando, rindo, fazendo caras e bocas, cantando, dançando, e algumas até fazendo requebradinho. De vez em quando, uma delas parava e me sussurrava algo ao pé do ouvido. Todas lindas, maravilhosas. Outras loucas, misteriosas. E assim comecei o dia!

Vieram Carolina, A Rita e Angélica, do Chico, e também, a Nara, aquela leoa, sem a qual o Chico não vinha... E esse trouxe, de braço dado, A Rosa, do Djavan. As Luízas do Tom e aquela sem nome, A Garota, que flertou com ele e Vinícius ao mesmo tempo, essas também foram passando.

A “Mulher” do Erasmo, essa foi quem abriu o desfile. Toda prosa estavam a Maria Joana, de Sidney Miller e A Morena do Mar, de Dorival Caymmi. Tom também trouxe sua Bonita, e Francis sua Teresa, que se acabou de sambar.

Milton trouxe aquelas gêmeas, que se confundiam até nos nomes: Maria, Maria. Para elas, e todas aquelas que, com sua força representaram e que não puderam vir, tirei o chapéu.

A poderosa Capitu, antes só de Machado, e que há pouco se soube ter tido um caso com o Luiz Tatit, aquela que se transformou em outra lá na casa da Zélia, também pintou por aqui.

Chico César trouxe a sua Mama África e César Nascimento aquela sua “Uma Mulher”, sim a que faz de qualquer homem o que ela quiser. Nossa, foram tantas!

Lembro-me ainda da romântica Helena, também de Machado, da forte Aurélia, do Alencar, da diabólica Dona Santa, da Michele, e das anônimas: Isabel, Surama, Cleonice, Patrícia, Elaine, Teca, Quésia, Íris, Simone, Marlene, Margit, Alessandra, Luciene, das Anas, Frieda etc., todas as mulheres que, com esta crônica, por esse 8 de Março - Dia Internacional da Mulher - quis homenagear.

E Viva Nóiiiiiiiis! :-)

Publicado também no Recanto das Letras em 08/03/2009

Código do texto: T1475294

Resenha

Vivendo em Flow

Meados de julho de 2008, concluí a primeira leitura - muito agradável, por sinal - de um dos livros de Mihaly Csikszentmihalyi (lê-se chick-SENT-me-high): Finding Flow (1997).

Embora a idéia de Flow não fosse nova para mim, já conhecida de outros livros e estudos, anteriormente lidos sobre o tema Felicidade, a leitura deste livro em particular me foi muito proveitosa.

Grosso modo, uma pessoa está em Flow quando se encontra em um estado tão prazeroso de concentração, tão focada na tarefa sendo realizada, que nem sente o tempo passar. Análises de estudos, apresentadas no livro, sugerem que a probabilidade de alguém experimentar Flow é maior durante a realização de tarefas ativas (resolver problemas, tocar um instrumento ou escrever), do que durante a realização de tarefas ditas passivas, como simplesmente ouvir música ou assistir TV.

Naturalmente, o autor discorre sobre os vários fatores que poderiam levar alguém a um estado de Flow, incluindo questões relacionadas a trabalho, relacionamentos e, o que foi mais proveitoso para mim, ao uso do tempo livre.

Em suma: uma pessoa que experimenta, constantemente, estados de Flow ao longo da vida, tem maior probabilidade de viver uma vida mais plena, engajada e feliz.

Publicado no Recanto das Letras em 21/11/2008 / Código do texto: T1295438

Palavras Finais

A todos os colegas que aqui, neste belo Recanto, me receberam - e de braços abertos! - gostaria de expressar o meu mais sincero agradecimento.

Já havia um bom tempo que procurava um lugar onde pudesse interagir com outros escritores, trocar idéias e experiências. E foi assim, por acaso, como tantas outras coisas boas que já me aconteceram na vida, que num belo dia, vagabundeando por essa internet de meu Deus, sem fronteiras, sem-lenço-nem-documento, achei um abençoado link que me trouxe até aqui.

Grata pela oportunidade de estar aqui, aprendendo muito com todos vocês.

Um abraço fraterno,

Publicado no Recanto das Letras em 05/12/2008 / Código do texto: T1319866

Agradeço ainda a todos aqueles a quem tive o privilégio de encontrar nessa viagem pela vida. Obrigado por terem contribuído para que pudesse me tornar, hoje, quem sou.

Helena Frenzel

18 de Março de 2009.

